

## O coroinha

Julia de Asensi

Tradução e introdução de Andréa Cesco<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Mara Gonzalez Bezerra<sup>2</sup>  
UNIASSELVI



Julia de Asensi.

Fonte: <<https://vmdelatejera.wordpress.com/introduccion/julia-de-asensi-y-laiglesia/>>

Julia de Asensi, oriunda de uma família burguesa e rica, nasceu na Espanha em 1859 e veio a falecer em 1921 com 62 anos. Como profissional das letras, foi jornalista, tradutora e escritora. Entre outros gêneros, também incursionou pela literatura infantil. Algumas de suas obras mais conhecidas são: *Novelas cortas* (1889), *Brisas de primavera* (1897), *Cocos y hadas - Cuentos para niños y niñas* (1899), *Las estaciones - cuentos para niños y niñas* (1907). Foi uma escritora que destacou o protagonismo feminino em sua obra literária, refletindo usos e costumes da época.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e tradutora. E-mail: andrea.cesco@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras Espanhol/UNIASSELVI e professora substituta no Departamento de Metodologia do Ensino/UFSC. Tradutora. E-mail: mara.gonzalez.letras@gmail.com.

O conto “O Coroinha”, traduzido da língua espanhola para a portuguesa, narra a história de um menino que presencia um fato inusitado em sua paróquia. A trama permeia o fantástico, apresentando o dilema da razão e da fé desde a perspectiva do olhar infantil. Esta tradução almeja duas coisas: pretende apresentar para o leitor de língua portuguesa a obra de uma escritora espanhola, inédita no Brasil ainda, e tornar possível o acesso à literatura infantil espanhola e que devido à tradução se torna possível para leitores de outras línguas e culturas o acesso.

## I

Aquela vila era tão sem importância que ninguém sabia o nome, a não ser os seus habitantes e alguns dos moradores mais próximos. Tinha uma praça grande, poucas ruas, curtas e estreitas, um calçadão com uma fonte e meia dúzia de árvores, um convento em ruínas e uma igreja. Esta era bastante espaçosa, com colunas de pedra, janelas com vitrais, uns quebrados e outros sujos, diversos altares com imagens de escasso valor, luminárias de cristal ou de metal dourado, quatro lustres antigos, vasos enfeitados com rosas e açucenas feitas por mãos mais piedosas do que hábeis e alguns bancos de madeira ocupados por mulheres e crianças em dias festivos, porque dava para contar nos dedos os homens daquele lugar que iam à missa.

O retábulo do altar-mor, já meio apagado pela ação do tempo, representava a Anunciação e ficava quase tapado pela escultura da Virgem, com o Menino Jesus nos braços, postada bem na frente. A imagem tinha uma coroa de prata sobre os cabelos negros e vestia uma túnica azul e um manto carmim, tudo obra de um notável escultor, ainda que de nome desconhecido. O rosto da Virgem era muito bonito, repleto de doçura e mansidão. Seu belo olhar estava voltado para a divina criança e aos seu pés havia anjos que serviam de ornato e complemento.

Em cada lado do altar havia muitos ex-votos de cera, e sobre ele dois candelabros e alguns jarrões e vasos com flores naturais. Naquela igreja havia pouco culto, uma missa às seis e outra às nove, uma sessão solene a meados de maio em que era celebrada a principal festa da vila, precedida por uma novena custeada pelas devotas locais, sem sermão e sem melodia.

Era coroinha daquela igreja há alguns anos um garoto chamado Miguel, sobrinho de um artista desafortunado que, não encontrando quem comprasse as suas

obras, havia se refugiado naquela vila, onde tinha uma casa que herdou de sua mãe e alguns amigos de infância. Seu refúgio não podia ser mais modesto: era composto por uma entrada estreita e longa, uma cozinha que servia para nada, pois nela mal se cozinava e pela falta de lenha era tão triste quanto fria, uma salinha em que o homem trabalhava e um quarto em que dormiam os dois. Nos fundos da casa tinha um terraço com uma parreira, um poço e um banco de pedra. Nem sequer uma flor crescia nele, nada que o animasse ou embelezasse.

## II

O artista, que era um escultor, há tempos havia renunciado às suas estátuas e se dedicava às figuras de cera, que nem sempre vendia, e aos ex-votos encomendados para a igreja. Era um homem mau e descrente e só consentiu que o seu sobrinho, órfão de pai e mãe, passasse grande parte do dia na paróquia e ao serviço dela, porque o padre lhe dava de comer e porque recebia alguns centavos das gorjetas que nunca lhe faltavam nos batismos, casamentos e funerais. Assim, o garoto não lhe dava gastos e ainda lhe ensinava a fazer estatuetas de barro e de cera nos momentos em que estava em casa, prometendo, apesar da pouca idade, chegar a ser um bom escultor.

– Tio, disse um dia Miguel ao artista, se você vendesse velas em vez de estátuas, ganharia muito mais, porque são muitas as que chegam à igreja e que aí ardem dia e noite.

– E qual é a necessidade dessas velas lá? – Perguntou o escultor.

– Quase todas são dedicadas à Virgem do Amparo.

– Dessa cera derretida eu poderia fazer muitas maravilhas. Para iluminar o altar não seriam suficientes apenas uma ou duas lamparinas?

– Não, tio. Quando há muitas velas acesas a Virgem fica mais bonita e parece até que o Menino sorri. A igreja fica alegre, os candelabros brilham mais, as flores enfeitam mais e até sinto que se reza melhor. A luz das lamparinas é triste e quando oscila desfigura as imagens. Não me dá medo ficar sozinho na igreja quando ardem os círios, mas quando ficam acesas somente as lamparinas, cada cadeira me parece um espectro e cada banco um ataúde.

O tio, que se chamava Marcelo, sorriu indiferente e deu de ombros com visível desdém.

– Alguma vez você está na igreja de noite? – perguntou.

– Poucas vezes, só quando precisamos arrumá-la para alguma cerimônia no dia seguinte.

– Mas, isso não vai ser logo...

– Não, vai demorar um tempo ainda até que tenha outra cerimônia na paróquia. Não se comentou mais nada.

Mal se passaram oito dias quando uma devota que havia prometido uma solene novena para a Virgem, caso ganhasse uma causa que havia disputado com um parente, desejou, como ação de graças por ter recebido a mercê, cumprir com a sua palavra. E com tanta pressa quis oferecer a cerimônia que o pároco mandou o sacristão e os coroinhas limparem e arrumarem a igreja, ainda que tivessem que trabalhar até tarde da noite. Varreram, esfregaram o piso e os vitrais, tiraram o pó, e já era meia-noite e meia quando Tadeu, o sacristão, que estava esgotado por ter sido o que realizou o trabalho mais pesado, falou aos meninos:

– Agora resta pouco para terminar, e vocês podem colocar as velas sem mim, depois vão se deitar que eu vou fazer o mesmo já. E saiu pela porta que dava para a sacristia. No corredor, ao lado desta, tinha uma escada pela qual se subia ao quarto do padre que ficava na parte principal do prédio, e no quarto seguinte morava Tadeu com a sua mãe.

Os dois coroinhas, Miguel e Firmino, colocaram primeiro os círios nos candelabros do altar e logo após aquele, que era mais alto que o seu companheiro, subiu em uma escada para colocar também as velas nos lustres, que só eram usados nos atos mais solenes.

Uma vez terminada a faxina o templo ficou quase no escuro, porque estava iluminado apenas pelas lamparinas colocadas perto da Virgem do Amparo e diante de um Cristo que havia na entrada da igreja. Ao conferir se devia colocar alguma vela a mais, Miguel olhou do alto da escada e teve a impressão de que no confessionário do pároco um vulto negro havia se mexido. Lembrando então dos efeitos provocados pela fraca luz das lamparinas, de que havia comentado uns dias antes, pensou que ali não tinha nada a não ser o medo, como em outras vezes, quando lhe fazia ver fantasmas. É que o coitado do menino não se sentia muito tranquilo à noite no sombrio templo, sem nenhuma companhia além de uma criança menor do que ele. Firmino, que não se deu conta de nada, foi até a porta da igreja para verificar se o sacristão tinha trancado e levado as chaves e, ao ter certeza, retornou até Miguel e falou:

– Tadeu disse que quando a gente fosse embora era para sair pela sacristia, mas já está muito tarde pra ir pra casa, e eu não tenho coragem de sair na rua a essa hora. E você?

– Nem eu, respondeu Miguel.

– O que você acha de pedir ao Tadeu pra dormir aqui esta noite?

– Ele já deve ter dormido, e se chamamos a sua mãe ela pode se assustar.

– Então, continuou Firmino, podemos ficar nos bancos da sacristia até amanhã.

– Mas vamos fechar bem a porta que dá com a igreja, acrescentou Miguel.

Assim o fizeram e logo em seguida os dois já dormiam tranquilamente no improvisado e duro leito.

### III

Na manhã seguinte o sacristão chamou os dois, e Miguel apressado foi à igreja abrir a porta.

Mal deu as costas a esta, um homem deslizou-se com sigilo do confessionário do pároco e sem nenhuma dificuldade alcançou a saída do templo.

A praça estava deserta. O homem cobriu-se bem com a sua capa e se dirigiu à rua mais próxima e imediatamente desapareceu.

Duas ou três velhas, as mais madrugadoras, entraram na paróquia quinze minutos depois de abrir a porta, atraídas pelo sino que tocava para a missa das seis. O primeiro que fizeram foi iniciar uma inspeção geral para verificar, pelo número de velas e pela ornamentação da igreja, a importância da novena que começaria naquela tarde.

Ficaram ali murmurando por alguns instantes; para elas tudo pareceu muito pobre como agradecimento por uma mercê tão anunciada e que tanto dinheiro daria para aquela que estava pagando pela cerimônia.

Firmino entrou para arrumar o altar e uma das velhas, a sogra do prefeito, o deteve para perguntar em voz que achava ser baixa, ainda que não o fosse, porque a boa mulher sequer se ouvia por ser bem surda:

– Não vão acender os lustres?

– Sim, senhora.

– Todos?

– Acho que sim.

– E por que as velas não estão nos candelabros?

O garoto encolheu os ombros como quem diz:

– Esta boa senhora é tão cega quanto surda. Por acaso, Miguel não as colocou ontem à noite?

Outra velha, a mãe do sapateiro, aproximou-se da surda e em segredo lhe disse:

– Por que será que tiraram os ex-votos da esquerda do altar principal? Eu dei um braço de cera quando passei bem mal, por conta de uma queda, para que ali sempre ficasse, e não vou consentir que o tirem para colocar outra coisa.

Firmino já tinha o altar arrumado, duas velas acesas, o missal no suporte e sobre uma mesinha, à direita do presbitério, o cálice, o sino e um castiçal. Quando ia entrar na sacristia inconscientemente olhou para o teto e no seu rosto se exprimiu um grande assombro. Percebeu que nos lustres não havia nenhuma vela. O que aconteceu? No mesmo instante foi atrás de Miguel que ficou perplexo quando lhe foi contado o que tinha visto. E o mesmo sucedeu a Tadeu e aos dois padres.

Tudo foi inspecionado: a porta da igreja não tinha sido forçada, os coroinhas não tinham saído, pois a maior prova disso residia no fato de que o sacristão distraidamente havia levado as chaves da sacristia junto com as da igreja, que abria para a praça. Portanto era certo que os dois meninos não tinham saído da igreja. Eles declararam que nem sequer haviam tentado.

O certo era que as velas dos lustres e muitos ex-votos de cera haviam desaparecido.

Por que Miguel se calou sobre as sombras de um vulto que pensou ter visto no confessionário? Em primeiro lugar, por não julgar o fato real senão apenas fruto da sua imaginação excitada pelo medo, depois pelo assalto de uma vaga suspeita... seria seu tio o ladrão? Como descobrir se era ele? Como delatar o homem que tinha sido como um pai para ele? Mas, se era Marcelo que tinha se escondido na igreja, imaginando que a essa hora já não entraria ninguém e que poderia roubar a cera, quando e por onde havia saído? Como não foi visto saindo?

#### IV

O padre mandou Miguel até a fábrica para buscar outras velas para os lustres, mas como ele não encontrou ali o suficiente, então foi para casa contar ao tio sobre o problema em que se encontrava.

– Eu não tenho velas aqui! Você já sabe disso, respondeu bruscamente.

E com essa resposta o bom menino foi embora tranquilo e murmurando:

– Graças a Deus não foi ele, e que me perdoe pelo mal julgamento!

Tirando velas daqui e dali, da sacristia e da igreja, reuniram as que faziam falta nos lustres e pela tarde, às quatro em ponto, começou a novena que acabou sendo a melhor que aconteceu naquela igreja. O altar da Virgem estava muito bonito, porém Miguel tinha a impressão de que a imagem o olhava com profunda tristeza e que o Menino já não sorria como em outras vezes.

Muito se falou na aldeia daquele roubo audacioso, mas foi impossível descobrir o autor porque quem foi não deixou um rastro sequer da sua passagem pela igreja.

Entretanto, Miguel, que não viu vela alguma em sua casa, imaginou que Marcelo tinha mais quantidade de cera que nos dias anteriores para fazer suas figuras. O homem andava silencioso e sóbrio, trabalhava sem vontade e até mesmo sem esmero. Os ex-votos não ficavam bem acabados e quando as pessoas iam comprar geralmente botavam defeito ou nem sequer os compravam.

Porém, quando o coroinha fazia a imagem de algum Santo, essa ficava mais bonita; por isso o escultor decidiu deixar toda aquela cera para o menino.

Miguel começou a moldar uma imagem da Virgem do Amparo, e já tinha quase terminado quando, em uma noite, Marcelo foi gravemente ferido, ao sair da taverna. O médico e o pároco foram avisados. O primeiro fez o curativo enquanto o segundo permaneceu com o tio do coroinha por um longo tempo. Assim que o ferido se encontrou sozinho pareceu mais tranquilo. Quando Miguel entrou no quarto, o tio, com voz que mal se ouvia, disse:

– Oferece à Virgem do Amparo a imagem que você fez para que ela me cure.

Assim que o menino escutou a ordem, deixando de sobreaviso uma vizinha para que cuidasse do ferido, pegou a imagem que representava a Virgem e as demais que havia terminado e correu até a igreja depositando tudo no altar principal. Nesse momento teve a sensação de que no rosto da Virgem venerada daquele templo se esboçava uma expressão doce e tranquila e que o Menino enviou-lhe um de seus sorrisos mais divinos.

– Aí está toda a cera que era sua, minha Mãe – murmurou. Que ela sirva para a salvação do corpo e da alma do meu tio, porque você e eu sabemos muito bem que ele foi o autor do roubo...

Marcelo foi curado, fez e vendeu muitos ex-votos. E com uma parte das vendas, ofereceu diversas velas à Virgem do Amparo e, transformado por completo, após sua enfermidade, tornou-se um homem religioso e honrado.

Quanto a Miguel, tornou-se um notável escultor e talhou preciosas imagens que lhe renderam justa fama e grande fortuna.

### **El monaguillo<sup>3</sup>**

#### **I**

El pueblo aquel era de tan escasa importancia que sólo conocían su nombre sus habitantes y algunos de los que vivían en los lugares más cercanos.

Tenía una plaza grande, pocas calles, cortas y estrechas, un paseo con dos docenas de árboles y una fuente, un convento ruinoso y una iglesia. Ésta era bastante espaciosa, con columnas de piedra, ventanas con cristales de colores, rotos los unos y sucios los otros, varios altares con imágenes de escaso mérito, lámparas de cristal o de metal dorado, cuatro arañas antiguas, floreros adornados con rosas y azucenas hechas por manos más piadosas que hábiles y algunos bancos de madera que ocupaban los días festivos las mujeres y los niños, porque eran contados los hombres que iban a oír misa en aquel lugar.

El retablo del altar mayor, medio borrado ya por la acción del tiempo, representaba la Anunciación y casi lo ocultaba una Virgen de talla, con el niño Jesús en los brazos, que tenía delante. Llevaba la imagen una corona de plata sobre sus negros cabellos e iba vestida con una túnica azul y un manto encarnado, obra todo de un escultor notable, aunque de nombre desconocido. El rostro de la Virgen era muy bello, lleno de dulzura y mansedumbre. Miraban sus hermosos ojos al divino infante y algunos ángeles estaban a los pies del grupo del que eran ornato y complemento.

A los dos lados del altar había muchos exvotos de cera, y sobre él dos candelabros y algunos jarrones y vasos con flores naturales. En aquella iglesia había poco culto; una misa a las seis y otra a las nueve, una función solemne a mediados de mayo en que se celebraba la fiesta principal del pueblo y una novena los días anteriores costeada por las devotas del lugar, sin sermón y sin música.

---

<sup>3</sup> Publicado: 1907. Categoría(s): Ficción, Juvenil, Cuentos e historias cortas.  
Fuente: <http://es.wikisource.org>



De aquella iglesia era monaguillo hace algunos años un muchacho llamado Miguel, sobrino de un artista poco afortunado, que no habiendo podido encontrar quien comprara sus obras, se había refugiado en aquel pueblo donde tenía una casa que heredó de su madre y algunos amigos de la infancia. Su albergue no podía ser más modesto; se componía de un portal estrecho y largo, una cocina que servía de poco, pues en ella apenas se guisaba y por falta de leña resultaba tan triste como fría, una salita en la que el hombre trabajaba y una alcoba en la que dormían los dos. Detrás de la casa había un patio con una parra, un pozo y un banco de piedra. Ni una flor crecía en él, nada que lo animase y embelleciese.

## II

El artista, que era un escultor, había renunciado hacía tiempo a sus estatuas y se dedicaba a hacer figuritas de cera, que no siempre vendía y los exvotos que para la iglesia le encargaban. Era un hombre malo y descreído que sólo había consentido en que su sobrino, que era huérfano de padre y madre, pasara gran parte del día en la parroquia y al servicio de ella, porque el señor cura le daba de comer y porque sacaba algunos cuartos de las propinas que nunca le faltaban en bautizos, bodas y funerales. Así el muchacho no le era gravoso y en los ratos que le tenía en su casa le enseñaba a hacer figurillas de barro y de cera, prometiendo él, a pesar de sus pocos años, llegar a ser un buen escultor.

– Tío, dijo un día Miguel al artista, si vendieras velas en vez de estatuas, sacarías más provecho, porque son muchas las que llevan a la iglesia y arden en ella todos los días.

– ¿Y qué falta hacen esas velas allí? – Preguntó el escultor.

– Casi todas se las ponen a la Virgen del Amparo.

– De esa cera que se consume podría yo hacer muchas maravillas. ¿No sería bastante que alumbrasen el altar con una lamparilla o dos?

– No, tío; cuando hay muchas velas encendidas la Virgen está más hermosa y parece que el niño se sonríe. La iglesia está alegre, brillan más los candelabros, adornan más las flores y hasta se me figura que se reza mejor allí. La luz de las lamparillas es triste y cuando oscila desfigura las imágenes. No me da miedo quedarme sólo en la iglesia cuando arden los cirios, pero cuando no están encendidas más que las lamparillas, cada silla me parece un espectro y cada banco un ataúd.

El tío, que se llamaba Marcelo, sonrió y levantó los hombros con un movimiento de profundo desdén.

– ¿Estás tú alguna vez de noche en la iglesia? –le preguntó.

– Pocas veces, cuando hay alguna función al día siguiente y necesitamos arreglarla.

– Pero eso no será por ahora...

– No, aún ha de pasarse mucho tiempo hasta que haya alguna función en la parroquia. Y no se habló más del asunto

Apenas habían transcurrido ocho días cuando una devota que había prometido una solemne novena a la Virgen si ganaba un pleito que tenía entablado con un pariente quiso, en acción de gracias por haber obtenido tal merced, cumplir lo que ofreciera. Y con tanta prisa deseó que la función se hiciese, que el párroco dio orden al sacristán y a los monaguillos de que limpiaran y arreglaran la iglesia, aunque tuviesen que trabajar hasta una hora muy avanzada de la noche. Barrieron, fregaron el suelo y los cristales, quitaron el polvo y ya eran las doce y media cuando Tadeo, el sacristán, que estaba rendido por haber sido el que hiciera el trabajo más rudo, dijo a los niños:

– Poco queda ya para terminar; las velas las podéis poner sin mí y luego os iréis a acostar como yo voy a hacerlo ahora mismo. Y salió por la puerta que daba a la sacristía. En un corredor al lado de ésta había una escalera por la que se subía a la habitación del cura, que estaba en la planta principal del edificio y en el cuarto segundo vivía Tadeo con su madre.

Los dos monaguillos, Miguel y Firmino pusieron primero los cirios en los candelabros del altar y luego aquel, que era mayor que su compañero, se subió a una escalera para colocar también las velas en las arañas que sólo se usaban en las funciones más solemnes.

Una vez terminada la limpieza había quedado el templo casi a oscuras, pues no lo alumbraban más que las lamparillas colocadas cerca de la Virgen del Amparo y delante de un Cristo que había a la entrada de la iglesia. Para ver si debía de poner alguna vela por allí miró Miguel desde lo alto de la escalera y le pareció que en el confesionario del párroco se había movido un bulto negro. Como se acordara entonces de los efectos de la débil luz de las lamparillas de que había hablado algunos días antes, creyó que allí no había nada y que el miedo le hacía ver fantasmas como otras veces. Porque el pobre niño no estaba muy tranquilo de noche en el sombrío templo y sin más compañía que una criatura más pequeña que él. Firmino, que no había advertido nada,

se acercó a la puerta de la iglesia para convencerse de que el sacristán había echado el cerrojo y recogido las llaves, y, viendo que así lo había hecho, volvió al lado de Miguel y le dijo:

– Me mandó Tadeo que nos fuéramos por la sacristía, pero es ya muy tarde para volver a nuestras casas, yo no me atrevo a salir ahora por las calles, ¿y tú?

– Yo tampoco, contestó Miguel.

– ¿Quieres que pidamos a Tadeo hospitalidad por esta noche?

– Ya se habrá dormido y si llamamos se va a asustar su madre.

– Pues entonces, prosiguió Firmino, podemos quedarnos en los bancos de la sacristía hasta mañana.

– Pero cerraremos bien la puerta que comunica con la iglesia, añadió Miguel.

Así lo hicieron y un instante después dormían los dos tranquilamente en el improvisado y duro lecho.

### III

A la mañana siguiente los llamó el sacristán y Miguel se apresuró a ir a la iglesia, de la que abrió la puerta.

Apenas volvió a ésta la espalda, un hombre se deslizó con sigilo desde el confesionario del cura párroco hasta la salida del templo, que franqueó sin ninguna dificultad.

La plaza estaba desierta. El hombre se envolvió bien en su capa y se dirigió a la calle más próxima por la que desapareció rápidamente.

Dos o tres viejas, que eran las más madrugadoras, entraron en la parroquia un cuarto de hora después de haberse abierto su puerta, atraídas por la campana que tocaba para la misa de seis. Lo primero que hicieron fue inspeccionarlo todo, para ver, por el número de velas y por el arreglo de la iglesia en general, la importancia de la novena que había de empezar aquella tarde.

Estuvieron allí murmurando un rato; les parecía que aquello estaba muy pobre para dar las gracias por una merced tan señalada y que tanto dinero había de proporcionar a la que pagaba la función.

Firmino entró para arreglar el altar y una de las viejas, la suegra del alcalde, le detuvo para preguntar en voz que creía baja, aunque no lo era, porque la buena mujer no se oía por ser bastante sorda:

– ¿No van a encender las arañas?

– Sí, señora.

– ¿Todas?

– Me parece que sí.

– ¿Por qué no tienen puestas las velas como los candelabros?

El muchacho se encogió de hombros como diciendo:

– Esta buena señora tiene tan mal la vista como el oído ¿acaso no las puso anoche Miguel?

Otra de las viejas, la madre del zapatero, se acercó con misterio a la sorda y le dijo:

– ¿Por qué habrán quitado los exvotos de la izquierda del altar mayor? Yo di aquel brazo de cera, que ofrecí cuando lo tuve tan malo de resultas de una caída, para que lo dejaran ahí siempre, y no he de consentir que lo quiten para poner otra cosa.

Firmino tenía ya el altar arreglado, dos velas encendidas, el misal en el atril abierto y sobre una mesita, que había a la derecha en el presbiterio, las vinajeras, la campanilla y una palmatoria. Al ir a entrar en la sacristía miró maquinalmente hacia el techo y se reflejó en su cara el mayor asombro. Acababa de ver que en las arañas no había ninguna vela puesta. ¿En qué consistía aquello? Fue al punto en busca de Miguel que se quedó atónito cuando le refirió lo observado y lo mismo les pasó a Tadeo y a los dos curas.

Se inspecciono todo; la puerta de la iglesia no había sido forzada, los monaguillos no habían salido, pues para mayor prueba de su inocencia resultó que el sacristán se había llevado distraídamente con las llaves de la iglesia las de la sacristía, que daba también a la plaza, por lo tanto era seguro que los dos niños no habían pasado la noche fuera de allí. Ellos declararon que no lo habían intentado siquiera.

Lo cierto era que las velas de las arañas y muchos exvotos de cera habían desaparecido.

¿Por qué calló Miguel que en el confesionario del párroco había creído ver un bulto negro? Al pronto fue por no juzgar el hecho real sino hijo de su imaginación excitada por el miedo, después por una vaga sospecha. ¿Sería el ladrón su tío? ¿Cómo descubrirle si era él? ¿Cómo delatar al hombre que le había servido de padre? Pero si era Marcelo el que se había quedado escondido en la iglesia, figurándose que a esa hora ya no entraría nadie y podría robar la cera, ¿cuándo y por dónde se había marchado? ¿Cómo no le habían visto salir?

#### IV

El cura mandó a Miguel a la cerería por otras velas para las arañas y no encontró bastantes allí; entonces fue a su casa a decir a su tío el apuro en que se veía.

– Yo no tengo aquí velas, ya lo sabes; le contestó bruscamente.

Y el buen niño con esto se marchó tan tranquilo murmurando:

– Gracias a Dios no ha sido él; que me perdone el mal juicio.

Quitando velas de aquí y de allá, en la sacristía y en la iglesia, se reunieron las que hacían falta en las arañas y por la tarde, a las cuatro en punto, empezó la novena que resultó de lo mejor que se había hecho en aquella iglesia. El altar de la Virgen estaba muy bonito, pero a Miguel le parecía que la imagen le miraba con profunda tristeza y que el niño no se sonreía como otras veces.

Mucho se habló en el pueblo de aquel robo audaz, pero fue imposible descubrir al autor de él que no había dejado el menor rastro de su paso por la iglesia.

Entretanto a Miguel, aunque no había visto en su casa ninguna vela, se le figuraba que Marcelo tenía más cantidad de cera que los días anteriores para hacer sus figuritas. El hombre estaba silencioso y sombrío, trabajaba sin gusto y hasta sin arte. Los exvotos no le resultaban bien y cuando iban a comprárselos les ponían faltas y muchas veces no se los querían tomar.

En cambio, cuando el monaguillo hacía alguna figurita de Santo, resultaba más bonita; por lo que el escultor decidió dejar para el niño toda aquella cera.

Miguel empezó a hacer con ella una imagen de la Virgen del Amparo, y ya la tenía casi concluida, cuando a consecuencia de una reyerta fue herido de gravedad Marcelo una noche al salir de la taberna. Avisados el médico y el párroco, el uno le hizo la primera cura y el segundo permaneció con el tío del monaguillo largo rato. Cuando el herido se quedó solo parecía más tranquilo. Al entrar Miguel en la alcoba, le dijo con voz apenas perceptible:

– Lleva a la Virgen del Amparo esa imagen que has hecho suya para que me ponga bueno.

Y el niño, apenas oyó esta orden, encargando a una vecina de la casa de al lado que acompañase al herido, cogió la figura que representaba a la Virgen y las demás que había terminado y corrió a la iglesia depositando todo aquello en el altar mayor. Y le

pareció entonces que en el rostro de la Virgen venerada en aquel templo asomaba una expresión dulce y tranquila, y que le dirigía el niño una de sus más divinas sonrisas.

– Ahí tienes toda la cera que era tuya, Madre mía, murmuró, que sirva para la salvación del cuerpo y del alma de mi tío, porque tú y yo sabemos bien que él fue el autor del robo...

Marcelo se curó, hizo y vendió muchos exvotos y con una parte del producto de ellos, pudo ofrecer varias velas a la Virgen del Amparo transformándose por completo después de su enfermedad y llegando a ser un hombre religioso y honrado.

En cuanto a Miguel fue un notable escultor, tallando preciosas imágenes que le dieron justa fama y grandes bienes de fortuna.